

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº114 - SETEMBRO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VIII

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
SILVIO A. S. GAMBOA - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

114



PORQUE (AMO) BARTHES?

MILENA MAGALHÃES



Milena Magalhães

Professora de Literatura Brasileira

e-mail: milena@ronet.com.br

POR QUE (AMO) BARTHES?

Desde que encontrei por acaso um pequeno livro de Alain Robbe-Grillet, intitulado *Por que amo Barthes*, sinto vontade de escrever algo com o mesmo título. Tal livro chama-me a atenção por dois motivos: primeiro, porque trata-se de um ficcionista falando sobre um teórico - e não é muito comum "amar" um teórico; segundo, porque, de uma forma ou de outra, é sempre essa a pergunta que faço desde que li pela primeira vez um livro de Roland Barthes. Lê-los, para mim, não se trata de obrigação acadêmica, mas de uma curiosidade sempre renovada por essa escritura que é, em essência, a busca da escritura. Por isso, este artigo, mais do que abordar alguns pontos do texto barthesiano, faz um relato dos meus encontros com os livros de Barthes. Toda aparição de um livro tem sua história.

Não causa estranheza um leitor eleger algum ficcionista como seu autor preferido, embora não seja de bom tom na crítica literária – sempre em busca de palavras estereis que indiquem objetividade e imparcialidade – usar expressões que demonstrem que essa preferência passa por razões que só podem ser explicitadas se palavras subjetivas se deixarem pronunciar. Conheço uma moça que afirma que, apesar de vez ou outra lê outros autores, ao menos uma vez por mês precisa reler algum dos livros de García Márquez. Compreendo-a perfeitamente. No entanto, creio que "amar" um teórico exige um pouco mais de explicações, principalmente quando não é um impulso "teórico" que me move, mas o simples e ingênuo prazer de identificar-me de tal forma com um autor que sinto vontade de lê-lo nos momentos mais inoportunos: quando estou muito feliz (para "levantar os olhos" do que está sendo lido), muito triste (para esquecer as razões da tristeza), muito ocupada com outras leituras obrigatórias (nada melhor do que lê Barthes quando se escreve uma dissertação sobre Umberto Eco), e daí por diante.

O contato com a sua obra ocorreu no 2º ano do curso de Letras. O livro era *Aula*. Inicialmente, pareceu-me aterrador, complexo e praticamente incompreensível, o que não me impediu de descobrir ali, dentre tantas definições do que seja literatura, a que me parece mais sedutora até hoje: "Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura". É também em *Aula* que Barthes se denomina um sujeito incerto. Autodenominar-se um "sujeito incerto" pareceu-me – e continua parecendo – um ato de coragem, pois como ele mesmo afirma em outro momento: "O público exige uma fidelidade. Ela não é possível, o escritor só conhece a fidelidade às formas". Essa infidelidade corajosa acaba por subverter o que geralmente entendemos por *literatura*: "Entendo por literatura não um corpo ou uma seqüência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever". Barthes, dessa forma, ao escolher como sua "língua natural" a literatura não se contenta em observar os seus contornos já definidos, e sim perscruta, questiona e expõe o traço mais definidor desta: a linguagem.

Ainda não sabia, mas a indicação foi a mais acertada. No mesmo livro, Perrone-Moisés nos alerta que a *aula* funciona como um caleidoscópio de toda a obra de Barthes. Este apresenta seu envolvimento visceral com a literatura e também com outras artes a ponto de afirmar: "Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário". É importante confidenciar desde já que é quase heresia chamar Barthes de teórico, uma vez que sua escrita é atravessada por uma linguagem que está muito distante da que geralmente concebemos como texto teórico. Mais do que *dissertar sobre*, o que ele propõe é um modo de fazer, um tipo de saber perpassado pela lógica subjetiva. Seus argumentos são feitos de humores. Sua escritura é uma luta contra o reducionismo do sujeito. Embora o discurso proferido na aula revele o tom solene que o momento exige, acaba por deixar transparecer, pelo seu conteúdo anti-dogmático, uma vontade de não se aliar ao poder (mesmo admitindo que ele está emboscado em todo e qualquer discurso). O saber instituído não lhe interessa.

A academia, na maioria das vezes, prima por coerência teórica e obriga a demarcação de posições. A ordem é não "misturar" teóricos de pensamentos antagônicos, manter uma certa unidade na diversidade teórica que nos constitui. Em meio a essas exigências, Barthes parece-me "inclassificável" (para empregar uma palavra que me lembra outro texto). As suas contradições são marcadas pelo apelo vibrante dos desejos, do gozo e do subjetivo: "devo reconhecer que produzi tão-somente ensaios, gênero incerto onde a escritura rivaliza com a análise". Essa infidelidade à objetividade, como era de se esperar, causou-lhe transtornos e também inimigos. A aceitação da diferença é, muitas vezes, apenas um mito teórico. Acusaram-no de não ter posição definida, escrevendo sempre o que pedia o momento teórico. Mesmo sendo considerado a figura-mãe do estruturalismo por François Dosse – "sua encarnação ondulante e sutil, feita mais de humores do que de rigor" –, também é ele visto como pós-estruturalista, o que enfatiza a idéia de um trabalho em progressivas transformações. Quem é o escritor Barthes? O que considerar: os seus primeiros escritos ou os últimos? Colocada assim, essa discussão é estéril, pois, embora esteja ligado ao estruturalismo, ele atravessa o rigor exigido, revelando uma linguagem segunda que se pretendia liberta de toda ordem e que, assim como a linguagem primeira (literatura), estava situada num topos subversivo. Por que não aceitar um estruturalista que sonha com a ausência de sentido e um pós-estruturalista apaixonado pelos clássicos como Balzac e Gide?

Foi envolvida por essas idéias, então novas e instigantes, que li *S/Z* e fiz da sua estrutura a estrutura da minha monografia final de curso. Em *S/Z*, os recortes operados no texto interpretado são grade e libertação: o despedaçar aleatório não tem uma lógica previamente definida pela estrutura, e sim a partir da imaginação do leitor, embora o que se veja ainda seja uma tentativa de estruturar a partir de um sistema de códigos (sempre podemos dizer que os códigos ali são somente pontes para o imaginário fluir). Por isso, a sua ligação com o estruturalismo, neste livro, começa a esgarçar-se, uma vez que a idéia de interpretação ganha novos contornos. Consolida-se em mim a idéia de que o texto de Barthes se constitui sobre o signo da subversão, ampliando os limites do que seja a crítica literária. Nesta, para ele, deve haver espaço para o *escritor* ("aquele que trabalha a *sua* palavra") e o *amador* (aquele que ama). Tanto a concepção do que seja *leitor* – "o que está em jogo no trabalho literário ... é fazer do leitor não mais um consumidor, mas um produtor do texto" – como a do que seja *interpretação* –

“Interpretar um texto não é dar-lhe um sentido (mais ou menos embasado, mais ou menos livre), é, ao contrário, estimar de que plural é feito” – se constrói sobre a convicção de “afirmar o ser da pluralidade”, ferindo de morte o desejo de impor a verdade como condição da interpretação. Prevalece a validade.

No grupo de estudo que participei na Universidade, um dos primeiros livros comentados foi *O prazer do texto*. A discussão não foi das mais fortuitas, menos ainda minha leitura. Somente depois, reli-o. Brincando com os significantes/significados, Barthes opera a distinção entre prazer e fruição. Para ele, alguns textos provocam prazer (satisfação), enquanto outros fruição/gozo (desfalecimento). Os textos ficam emboscados entre esses dois momentos distintos de recepção que, por vezes, estão em oposição. Barthes parece aproximar-se do receptor, dando-lhe importância: “Este retorno da palavra ‘prazer’, é porque ela permite uma certa exploração do sujeito humano”, embora a ênfase seja dada ao Texto. Ainda é a busca pelo *grau zero* da escrita, um lugar atópico por excelência em que os signos possam revelar-se e esconder-se. A alforria da palavra é exposta e desvirtuada, e o gozo deixa de ser apenas prazer: é como um coito proibido e desejado. Senti isso quando li agora Graciliano, Hilda Hilst e Calvino: quase entendo, mas algo sobra e escapa-me, o que não senti quando li outros: o texto do prazer é dizível, o texto da fruição opera no interdito: “texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta ..., faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem”. A partir dessa diferenciação, no primeiro momento, parece ser possível afirmar que Barthes faz a opção pelos textos de vanguarda em detrimento dos clássicos. No entanto, não creio que seja isso. A consciência histórica do já-dito e do já-feito abre o leque para o que está sendo feito à sua época (como os textos de vanguarda de Alain Robbe-Grillet), sem deixar de perceber que há todo um lastro textual que vem dos clássicos pronto para ser recortado na produção de novos textos. É o que ele faz com o texto *legível* de Balzac - Sarrasine - em *S/Z*. Se não é mais possível reescrever textos realistas como os de Balzac, Zola e Proust (é o que ele diz em *Roland Barthes por Roland Barthes*) é porque estamos diante de um novo mundo que se transforma continuamente: “O mundo como objecto literário, escapa-se; o saber deserta a literatura que já não pode ser nem *Mimesis* nem *Matesis* mas simplesmente *Simiosis*, a aventura do impossível linguageiro, numa palavra: Texto”. O par prazer/fruição não é o único estabelecido por Barthes. Para deixar falar a contrariedade com a voz da ciência, outros pares lhe fazem companhia: *studium/punctum* – óbvio/obtusos.

Nos livros da seleção de mestrado, *Crítica e Verdade* era um dos que precisava ser lido. Por isso, numa viagem às pressas, ele passeou comigo pelas estradas do Nordeste e foi lido em uma noite, uma manhã ensolarada na casa da irmã e um vôo de volta a Porto Velho. O Barthes incisivo, que responde a provocações, produz alguns textos que se tornaram referência em qualquer discussão sobre o papel da crítica, como “Escritores e Escreventes” e “Crítica e Verdade”. Como ainda vemos até hoje, a batalha trava-se num campo de guerra em que de um lado estão os defensores da objetividade, da unidade e da clareza em oposição a um deslizar contínuo da linguagem. A crítica proposta por Barthes não quer esclarecer, não quer comentar, quer apenas o direito de produzir nova linguagem que possibilite outra: “fazer uma segunda escrita com a primeira escrita da obra é com efeito abrir a via de prolongamentos imprevisíveis, o jogo infinito dos espelhos, e é esta escapada que é suspeita”.

Há certos livros que sempre me fazem pensar que toda cidade merece uma Livraria da Rose. Para quem como eu fantasia poder deitar em qualquer lugar para ler, é numa livraria como essa que podemos alimentar as nossas paixões literárias. E digo isso porque foi sempre essa livreira-mito que materializou meus mais loucos desejos bibliográficos, como, por exemplo, *O Grau Zero da Escrita*. Este é o primeiro livro lançado por Barthes. Um dos artigos mais contundentes é o que designa a sua concepção de literatura: *O que é escrita?* Se fosse uma tradução brasileira, certamente seria *O que é escritura?* Nas palavras do crítico José Augusto Seabra, este livro é “O germe da subversão barthesiana”, pois a literatura já é vista essencialmente como linguagem, desligada das ortodoxias. Outro artigo que me chamou a atenção, envolvida que estava com minha “iniciação” em poesia, foi *Existe uma escrita poética?*. Comparando a palavra poética a “uma caixa de Pandora de onde saem voando todas as virtualidades da linguagem”, Barthes imagina também um novo receptor que a devore com “uma curiosidade particular, uma espécie de gulodice sagrada”. A palavra poética não é inocente nem ingênua, é, ao contrário, “uma palavra terrível e desumana”. A afirmação de que o Texto é basicamente linguagem - a consciência da linguagem como mola e mote para o que pode ser dito *depois* - é fundamental para compreender o pensamento de Barthes e, a meu ver, embrenhar-se pela escritura.

Encontrei *Fragmentos de um discurso amoroso* numa livraria da cidade de Araraquara. Ao lê-lo, a partir de uma certa página, passei a sentir-me uma das personagens de Calvino em *Se um viajante numa noite de inverno*, pois, para minha surpresa, as páginas começaram a repetir-se, os caracteres abraçavam-se de cabeça para baixo, com duas escritas superpostas uma à outra. Precisei esperar alguns meses até chegar um novo exemplar em que os caracteres não desejassem ocupar o mesmo espaço. Tendo escrito tantos pedaços, recortes, quadros, como a dizer que não acreditava numa totalidade fechada, um título como *Fragments d'un Discours Amoureux* expande a sedução plena de que se valeu Barthes para enunciar uma nova crítica ou a desnecessidade desta, se percebida como um velho modo de olhar os textos. *Fragmentos* já não é metalinguagem. O uso da primeira pessoa quase compactua com o texto romanescos, mas a ausência de enredo, o argumento que persegue cada figura nos diz que, se estamos diante de um romance, sua forma ainda nos é totalmente desconhecida. O que mais me seduz nesse livro é a sua montagem que pode ser comparada a um grande Frankenstein, visto ser um texto feito de pedaços de outros textos, em que as citações, alusões, ganham novo sentido no eu que se pronuncia: “... um discurso cuja instância não é outra coisa senão a memória de lugares (livros, encontros) onde tal coisa foi lida, dita, ouvida”.

No ano passado, Rose apareceu com dois livros de Barthes raros no Brasil (edição portuguesa): fiquei apenas no desejo de *Sistema da Moda*, muito caro para meus padrões. Sobrou-me *Incidentes*, seu livro póstumo, comprido e fininho, em forma de diário. A vontade de que sua escrita evoluísse para uma espécie de diário, à moda de André Gide, um dos seus escritores essenciais, já tinha sido proferida em *Roland Barthes por Roland Barthes*, ele mesmo uma espécie de diário escrito em terceira pessoa. Em *Incidentes*, a sua face mais humana – já imposta em outros livros – deixa de ser mascarada e observamos pelo “buraco da fechadura” suas tardes improdutivas, seu desagrado com as conversas “sempre as mesmas” dos intelectuais, suas aflições com as paixões breves e intensas e com

sua falta de memória. Seus aforismos, as paisagens e passagens rápidas são como fotografias que ele nos vai mostrando. Identifico-me numa série de lamúrias: "Sempre esta dificuldade em trabalhar de tarde..."

No sebo da Carlos Gomes, embaixo das prateleiras, encontrei por acaso - como encontramos todos os livros em sebos - três exemplares de *O Grão da Voz*, livro que reúne suas entrevistas em língua francesa. Comprei os três, dei de presente os outros dois e, junto com o livro *40 escritos*, de Arnaldo Antunes, é a minha primeira experiência de ler no banheiro. Talvez por ter horror a entrevistas, Barthes deriva sobre os pontos que causam mais controvérsia e curiosidade na sua obra sem deixar de lado o teatro de vozes plurais que assegura a sua liberdade teórica. Perguntado se as coisas significam alguma coisa, ele responde fazendo uma síntese do seu pensamento: "O que toda a minha vida me apaixonou foi o modo como os homens tornam o mundo inteligível. ... a escritura cria um sentido que as palavras não possuem de início. É isso que eu tento exprimir". A pluralidade de sentidos quase se transforma em ausência de sentido, desejo manifesto em vários de seus textos.

Na cidade de Vilhena, onde se consegue ler com meia no pé (sempre achei o máximo essa imagem), iniciei a leitura de uma biografia de Roland Barthes, mas li apenas algumas partes. Fiquei enjoada como se estivesse rompendo um acordo, transgredindo uma norma de conduta. As biografias, na maioria das vezes, exploram a privacidade causando-me a estranha impressão de que retornamos ao tempo em que era um espetáculo público o banho do rei. As especulações sobre a sua vida me pareceu ser de importância menor diante do dito que constitui sua obra. Como diz Antunes, a "vida contém cenas explícitas de tédio nos intervalos da emoção". Não é isso que me interessa. Assim como a ele, é a sua escritura que me seduz. O que como leitores precisamos saber da vida de R. B. pode ser encontrado nos seus livros. Nestes, a realidade é desvirtuada pelo imaginário que passa a ser mais interessante do que o real a ponto de este se camuflar em várias virtualidades. No livro *Roland Barthes por Roland Barthes*, "arrancado à força da insistência" de minha melhor amiga que teve a sorte de encontrá-lo em um sebo antes de mim, a projeção em terceira pessoa desvela o desejo que percorre o seu autor: "O esforço vital deste livro é pôr em cena o imaginário".

Também em Vilhena, assisti à palestra de uma professora que fez sua tese de doutorado tendo como suporte teórico as idéias de *studium* e *punctum* que estão no livro *A Câmara Clara*, último dos livros publicados em vida. Quando retornei, a primeira ação foi relê-lo. Para mim, mais do que em *O prazer do texto*, é em *A Câmara Clara* que Barthes faz a opção pelo leitor, no caso, o observador (*spectator*) das imagens. Em cada fotografia, é o ínfimo que ganha relevância; e aquilo que é ausência (ou quase) para outrem é o que transtorna o observador solitário. A ironia reside no fato de ser justamente no que nos parece mais objetivo (a fotografia) que ele impõe com maior dinamismo a força da subjetividade.

Talvez os autores que verdadeiramente amamos não devam ser estudados, mas apenas lidos. Explico assim o excesso de covardia que me impediu de fazer minha pesquisa de mestrado com a obra de Roland Barthes. Imagino as horas de fruição das quais me furtei, embora recorra a suas idéias em várias passagens da dissertação. Dou início à conclusão com as suas palavras para afirmar: até mesmo Barthes foi contraditório quando falou sobre o leitor (com tudo pronto, meu orientador falou: "por que não disse antes que queria pesquisar Barthes? Teríamos diminuído vários impasses. No mínimo, teríamos discutido menos"). Silenciei porque não queria admitir naquele momento de realização que talvez não me sinta à altura de escrever sobre ele. Em um daqueles dias de zanga em que se coloca

em xeque até a quem se admira, escrevi: “Não sei se gosto tanto assim da Leyla Perrone-Moisés. Ela pesquisa Barthes, mas a sua escrita é desprovida de poesia, por isso quando eu a leio penso naquele trecho da música dos Paralamas do Sucesso: ‘tendo a lua aquela gravidade onde o homem flutua merecia a visita não de militares, mas de bailarinos e de você e eu...’. Barthes merecia poetas estudando-o e não uma crítica com escrita de cientista”. Talvez por isso eu só tenha coragem de escrever sobre Barthes inserindo-o na minha vivência. Há um medo de escancarar de vez a cientista que habita em mim – não dizem que fazemos projeções?

À medida que vou escrevendo este ensaio, às vezes euforicamente, outras dando longas pausas relegando-o ao esquecimento, a possível razão de *Por que amo Barthes* vai delineando-se. Anima-me a idéia de a razão de amá-lo residir no fato de, para mim, ele ser um dos poucos escritores que permite ao seu leitor encontrar e recriar as próprias razões de ser um leitor que por vezes sente necessidade de ser também escritor. Sem ser rebelde ou marginal (estar à margem), Barthes assegura-me a possibilidade de ser as duas coisas e está num entre-lugar que confirma a necessidade da inquietude para a produção.

Na estante repousa *Sade, Fourier, Loyola* (por que ainda não me animei a lê-lo?). *O óbvio e o obtuso* também espera. Acabei de ganhar do meu companheiro *Sistema da Moda*, encontrado em sebo numa edição brasileira bem mais acessível ao nosso bolso. Logo após, comprei *Mitologias* e *Michelet*, dois dos seus livros mais importantes. De olhos arregalados, leio agora *Michelet*. Muito ainda falta para ser lido e tudo para ser relido. Mesmo quando minha escrita cessar, fugaz como boa parte da produção de hoje, anima-me pensar que a de Barthes continuará atravessando as gerações. Sempre haverá um dia em que algum graduando vai topar com Barthes, bater o olho e encontrar. E encontrar-se. *Por que amo Barthes?* Porque amo a leitura. Talvez seja esta a razão primeira de amar um autor.

Bibliografia

- BARTHES, Roland. **Sistema da moda**. Trad. L. L. S. Mosca. São Paulo: Editora da USP, 1979.
- _____. **A câmara clara**. Trad. J. C. Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **Sobre Racine**. Trad. A. C. Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- _____. **Incidentes**. Trad. T. Coelho e A. Melo. Lisboa: Quetzal Editores, 1987.
- _____. **O rumor da língua**. Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____. **O óbvio e o obtuso**. Trad. L. Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- _____. **S/Z**. Trad. L. Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- _____. **O grão da voz**. Trad. A. Skinner. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. **Aula**. Trad. L. Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1996.
- _____. **Crítica e verdade**. Trad. L. Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.
- _____. **Mitologias**. Trad. R. Buongiorno e P. de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- _____. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- _____. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Trad. H. Santos. RJ: Francisco Alves, 2000.
- _____. **O grau zero da escrita**. Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Sade, Fourier, Loyola**. Trad. M. Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- _____. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Lisboa: edições 70, s/d.
- ROBBE-GRILLET, Alain. **Por que amo Barthes**. Trad. S. Santiago. RJ: Ed. UFRJ, 1995.
- SEABRA, José Augusto. **Poiética de Barthes**. Porto: Brasília Editora, 1980.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*um pássaro só
brío
não sai do chão*

CARLOS MOREIRA